

J. R. Ward

O REI

Um romance da Irmandade da Adaga Negra
Volume XII

Tradução
Luís Santos

Prólogo



SÉCULO XVII, PAÍS ANTIGO

— *Viva o Rei.*
Ao ouvir a voz grave e solene, Wrath, filho de Wrath, olhou instintivamente em redor à procura do pai... com uma centelha de esperança de que a morte não tivesse ocorrido e de que o grande governante ainda estivesse entre eles.

Todavia, era óbvio que o seu amado senhor permanecia nos confins do Vápido.

Quanto tempo duraria aquela penosa procura? interrogou-se. Era uma parvoíce tão inútil, especialmente agora que as vestes sagradas do Rei vampiro o cobriam, as faixas adornadas com joalharia, o manto de seda e as adagas cerimoniais a ornamentar-lhe o corpo. No entanto, a mente não queria saber dessas provas da recente coroação... ou talvez fosse o coração que permanecia intocado por tudo que agora o definia.

Querida Virgem Escrivã, sem o pai sentia-se tão sozinho, mesmo rodeado de pessoas que o serviam.

— Milorde?

Compondo-se, virou-se. À porta da antecâmara dos aposentos reais, o conselheiro mais próximo era como uma coluna de fumo, longa e estreita, envolto em vestes negras.

– É uma honra cumprimentá-lo – murmurou o macho, fazendo uma vénia baixa. – Está preparado para receber a fêmea?

Não.

– Com certeza.

– Iniciamos então o cortejo?

– Sim.

Enquanto o conselheiro fazia nova vénia e recuava, Wrath deu passadas largas no quarto apainelado em carvalho. A luz das velas fluuava nas correntes de ar que, de alguma forma, se infiltravam nas paredes de pedra do castelo e as chamas que crepitavam na lareira pareciam oferecer luz desprovida calor.

Na verdade, não tinha qualquer desejo de uma *shellan* – ou melhor, uma parceira, como inevitavelmente iria acontecer. Para isso era necessário amor e ele não dispunha de amor para dar a quem quer que fosse.

Pelo canto do olho avistou um lampejar e, para passar o tempo antes do temido encontro, dirigiu-se à escrivaninha entalhada e ficou a contemplar os conjuntos de gemas em exposição. Diamantes, safiras, esmeraldas, pérolas... a beleza da natureza capturada e ancorada pelo ouro trabalhado.

As mais valiosas eram os rubis.

Ao estender o braço para tocar nas pedras cor de sangue, sentiu que era cedo de mais para tudo aquilo. O facto de ser Rei, o acordo de acasalamento, os milhares de exigências diferentes que agora teria de resolver e das quais percebia tão pouco.

Precisava de mais tempo para aprender com o pai...

A primeira de três batidas na porta ecoou pela sala e Wrath ficou agradecido por ninguém estar ali para o ver dar um salto.

A segunda foi igualmente ruidosa.

A terceira exigia a sua resposta.

Fechou os olhos e respirou com dificuldade através da dor instalada no peito. Queria o pai perto dele – aquilo deveria acontecer mais tarde, quando fosse mais velho, e não orientado por uma cortesã, mas pelo seu próprio senhor. Contudo, o destino quisera roubar ao macho anos a que tinha direito e, ainda por cima, empurrara o

filho para uma espécie de afogamento, apesar de acima dele existir muito ar para respirar.

Não consigo fazer isto, pensou Wrath.

No entanto, quando a terceira pancada na madeira começou a esmorecer, endireitou os ombros e imitou o tom que sempre ouvira na voz do pai.

– Entra.

Em obediência à ordem, a porta abriu-se completamente e os seus olhos foram cumprimentados pelos cortesãos, com os sóbrios mantos cinzentos idênticos ao do conselheiro que se encontrava à frente. Mas não foi isso que lhe chamou a atenção. Atrás do grupo de aristocratas havia um grupo de pessoas de estatura grandiosa, olhos estreitos... e foram esses que começaram a entoar um cântico num ronco concertado.

Verdade fosse dita, temia a Irmandade da Adaga Negra.

De acordo com a tradição, o conselheiro declarou alto e bom som:

– Milorde, tenho uma oferenda para lhe presentear. Posso avançar com a apresentação?

Como se a donzela nobre fosse um objeto. Vendo bem, a tradição e as normas sociais estabeleciam que o seu propósito era procriar e, na corte, seria tratada tal como as éguas reprodutoras da mais alta qualidade.

Não obstante, faria mesmo aquilo? Não sabia nada sobre o ato sexual e, no entanto, se ela lhe agradasse, envolver-se-ia na atividade algures depois de cair a noite.

– Sim – ouviu-se a si próprio a dizer.

Os cortesãos encheram a divisão entrando aos pares, separando-se e formando um círculo à volta do perímetro do quarto. E então, o cântico subiu de tom.

Os magníficos guerreiros da Irmandade marcharam para o interior do espaço, os corpos tremendos vestidos de cabedal preto e apetrechados com armas, a cadência das vozes e o movimento das formas sincronizados como se fossem apenas um.

Contrariamente aos membros da *glymera*, não se afastaram uns dos outros, ficando lado a lado numa formação em quadrado. Não conseguia vislumbrar o que se passava no centro.

Mas conseguia cheirar o aroma.

E a alteração no seu interior foi instantânea e imutável. No espaço de apenas um batimento cardíaco, a natureza explosiva da vida foi neutralizada por uma consciência que lhe fazia formigar todo o corpo... uma consciência que, à medida que os Irmãos se aproximavam, se maturava numa agressão que não lhe era familiar, mas a qual não pretendia ignorar.

Inspirou outra vez e teve mais daquela fragrância a penetrar-lhe os pulmões, o sangue, a alma – e não eram os óleos com os quais ela fora untada, nem os perfumes aplicados nas vestes que lhe cobriam a forma. Era a pele por baixo de tudo isso, a delicada combinação de elementos femininos que ele sabia serem únicos e exclusivos dela.

A Irmandade parou à frente dele e, pela primeira vez, não se sentiu assoberbado com as auras fatais. Não. Enquanto as presas se alongavam na sua boca, deu-se conta do lábio superior a elevar-se num ronco.

Chegou a dar um passo em frente, preparado para desfazer os machos em pedaços para conseguir chegar ao que lhe estavam a ocultar.

O conselheiro aclarou a garganta como se quisesse relembrar a assembleia da sua importância.

– Milorde, esta fêmea é-lhe oferecida devido à sua linhagem de sangue, para que a considereis para o propósito de procriação. Deseja inspecionar...

– Deixem-nos – atalhou Wrath. – Imediatamente.

Foi-lhe simples ignorar o silêncio chocado que se seguiu.

O conselheiro baixou a voz.

– Milorde, se me permitir terminar a apresentação...

O corpo de Wrath ganhou vida própria, girando até conseguir fitar o macho.

– Saíam.

Atrás dele elevou-se uma risada da Irmandade, como se estivessem a gostar de ver o dândi a ser posto no devido lugar pelo monarca. Todavia, o conselheiro não estava a gostar. E Wrath não queria saber.

Além disso, não havia mais nada a dizer: o cortesão detinha muito poder, mas não era Rei.

Os machos de cinzento saíram atabalhoadamente da sala, fazendo vénias, e finalmente ficou com os Irmãos. Estes afastaram-se imediatamente e...

Entre eles encontrava-se uma forma esguia, coberta por um manto preto da cabeça aos pés. Comparada com os guerreiros, a pretendida era de estatura esguia, com ossos estreitos, baixa de altura – e, no entanto, era a presença dela que o animava.

– Milorde – disse um dos Irmãos respeitosamente –, esta é a Anha.

Com esta simples e mais adequada apresentação, os guerreiros desapareceram, deixando-o sozinho no quarto com a fêmea.

O corpo de Wrath assumiu novamente o controlo, rondando-a com os sentidos caóticos, fixando-a, apesar de ela não se mover. Querida Virgem Escrivã, ele não pedira nada daquilo, nem aquela reação à sua presença, nem a necessidade que se acumulava nos quadris, nem a agressividade que brotava e vinha ao de cima.

Mas, acima de tudo, ele nunca pensara...

Minha.

Foi como um relâmpago a rasgar a escuridão, alterando a paisagem, traçando-lhe uma vulnerabilidade cortante no peito. Não obstante, pensou «Sim, isto está certo». O antigo conselheiro do pai tinha, sem dúvida, os seus melhores interesses em mente. Aquela fêmea era o que precisava para o ajudar a atravessar a solidão. Mesmo sem lhe ver o rosto fazia-lhe sentir a força no membro, a estatura mais pequena e mais elegante a enquadrar-se perfeitamente na pele dele, a necessidade de proteger a dar-lhe uma prioridade e uma concentração que há muito lhe faltavam.

– Anha – murmurou, ao deter-se à frente dela. – Fala comigo.

Seguiu-se um longo silêncio. E depois a voz dela, suave e doce, mas insegura, penetrou-lhe os ouvidos. Fechou os olhos e estremeceu, o som a ecoar-lhe no sangue e nos ossos, mais adorável do que tudo o que alguma vez ouvira.

Franziu então o cenho, pois não fazia ideia do que ela dissera.

– O que disseste?

Por momentos, as palavras que saíram debaixo do véu não fizeram sentido; mas então, as definições das sílabas foram confirmadas pelo cérebro:

– Pretendes seleccionar outra?

Wrath franziu o sobrolho, confuso. Porque haveria de querer...

– Não afastaste nada do meu corpo – ouviu-a responder, como se tivesse dado voz à dúvida.

De súbito, apercebeu-se de que ela tremia, com o manto a revelar o movimento – e era nítido o receio no cheiro que dela emanava.

A excitação obstruíra qualquer outra consciência, algo que teria de ser corrigido.

Dirigiu-se ao trono, transportando a enorme cadeira esculpida através da sala, com a necessidade de lhe providenciar conforto a conceder-lhe uma força superior.

– Senta-te.

A fêmea deixou-se cair no assento cor de sangue – e quando firmou as mãos cobertas nos braços da cadeira, imaginou-lhe os nós dos dedos a ficarem brancos enquanto ela se agarrava à vida.

Wrath ajoelhou-se à frente dela. Olhou para cima, sendo o seu único pensamento, além da vontade de a possuir, de nunca mais a ver receosa.

Nunca.

Por baixo das camadas de vestes pesadas, Anha sufocava com o calor. Ou talvez fosse o terror que lhe restringia a garganta.

Não pedira aquele destino. Não o procurara. Tê-lo-ia oferecido a qualquer uma das jovens fêmeas que, ao longo dos anos, a

invejaram. Fora prometida ao filho do Rei como primeira companheira logo à nascença – e, devido a essa suposta honra, fora ostracizada pelas outras, enjaulada, impedida de qualquer forma de contacto. Crescera aprisionada na solidão e não conhecera o carinho de uma mãe, nem a proteção de um pai – vogara à deriva num oceano de estranhos suplicantes e fora tratada como um objeto precioso, não como um ser vivo.

E agora, no auge da vida, no momento para o qual fora criada e prometida... todos os anos de preparação lhe pareciam em vão.

O Rei não estava satisfeito. Expulsara todos da sala onde se encontravam. Não lhe afastara um único trapo, tal como era suposto fazer, caso desejasse aceitá-la. Ao invés, andava a rondá-la, a sua agressividade a preencher o espaço.

Provavelmente tê-lo-ia enfurecido ainda mais com a sua temeridade. Não era suposto oferecer sugestões ao Rei...

– Senta-te.

Anha fez o que lhe ordenavam deixando que os joelhos enfraquecidos cedessem sob o peso do corpo. Esperava bater no chão duro e frio, mas encontrou uma gigantesca cadeira almofadada a ampará-la.

O soalho a ranger indicou-lhe que o Rei andava novamente em círculos à volta dela, com os passos pesados, a presença tão grandiosa que conseguia sentir-lhe o tamanho, mesmo não o conseguindo ver. Com o coração a bater-lhe com força no peito, o suor a escorrer-lhe pelo pescoço e entre os seios, aguardou a reação seguinte – e recebeu que fosse violenta. Por lei, podia fazer com ela o que quisesse. Podia massacrá-la ou entregá-la para uso da Irmandade. Podia despi-la, roubar-lhe a virgindade e depois rejeitá-la – deixando-a arruinada.

Ou podia simplesmente desnudá-la, aprovar a forma, guardando-lhe a virtude para depois da cerimónia na noite seguinte. Ou até talvez – como ela imaginara nos seus sonhos mais fúteis – ele olhá-la-ia brevemente e voltaria a cobri-la com oferendas de vestuário especial, assinalando a sua intenção de lhe dar estatuto entre as suas *shellans* – pelo que a sua vida na corte seria mais fácil.

Ouvira demasiados relatos sobre os cortesãos e não esperava qualquer simpatia por parte deles. E estava bem ciente de que, apesar de estar destinada a acasalar com o Rei, não era exclusiva. No entanto, se tivesse uma pequena réstia de poder, talvez pudesse retirar-se até certo ponto, deixando as maquinações da corte e a realza para fêmeas de maior ambição e avareza...

As passadas detiveram-se abruptamente e o chão protestou mesmo à frente dela, como se, de alguma forma, ele houvesse mudado de posição.

Chegara o momento e o coração dela estacou, como se não quisesse atrair a atenção da lâmina de Sua Majestade...

Num abrir e fechar de olhos, o capuz desapareceu-lhe do rosto e enormes lufadas de ar fresco ficaram disponíveis para que fossem absorvidas pelos pulmões.

Anha mal conseguia respirar com o que via à sua frente.

O Rei, o governante, o supremo representante da raça vampira... estava de joelhos à frente do cadeirão que lhe fora buscar. E isso deveria ter sido suficientemente chocante, mas, na verdade, a aparente súplica foi o que menos a impressionou.

Ele era absolutamente belo – e, de todas as coisas em que ela pensara para se preparar, aquela primeira visão magnífica não fora contemplada.

Tinha olhos da cor de pálidas folhas de outono, que cintilavam como o luar sobre um lago enquanto a fitava. E o rosto era o mais belo que ela alguma vez contemplara, apesar de talvez isso não ser um bom elogio, já que nunca lhe fora permitido olhar para um macho. E o cabelo era preto como asas de corvo, caindo-lhe sobre as costas musculadas.

Não obstante, não era isso o que mais lhe penetrava a consciência.

Era a expressão preocupada que ele ostentava.

– Não tenhas medo – disse ele numa voz a um tempo veludo e gravilha. – Ninguém te magoará, pois eu estou aqui.

Lágrimas assomaram-lhe aos olhos e então a boca abriu-se-lhe e as palavras começaram a jorrar.

– Milorde, não deveis estar ajoelhado.

– De que outra forma cumprimentaria uma fêmea como tu?

Anha tentou responder, mas ficou presa naquele olhar, a mente confusa – não parecia real, aquele poderoso macho que abdicava da honra perante ela. Para se certificar de uma vez por todas, a sua mão elevou-se e avançou para encurtar a distância que os separava...

O que estava ela a fazer?

– Perdoa-me, Milorde...

Ele agarrou-lhe a mão e o impacto da carne contra a carne deixou-a ofegante. Ou estariam os dois assim?

– Toca-me – ordenou ele. – Onde quiseres.

Quando a libertou, ela levou a mão tremente à face do Rei. Quente. Suave da recente passagem de uma lâmina.

O Rei fechou os olhos e inclinou-se para a frente, o grandioso corpo a estremecer.

Como ele se deixou ficar assim, ela sentiu uma onda de poder – não arrogante, nem com qualquer ambição de ganho pessoal. Era apenas a reação por se sentir inesperadamente segura numa situação que lhe parecera precária.

Como era possível?

– Anha... – murmurou ele, como se o nome fosse um sortilégio.

Nada mais foi dito, mas qualquer linguagem era desnecessária, pois a gramática e o vocabulário seriam incapazes de fornecer uma mera ideia, quanto mais uma definição, do laço que ganhava forma e os unia.

Olhou finalmente para baixo.

– Não desejas ver mais de mim?

O Rei soltou um ronco sonoro.

– Desejo ver-te toda... e olhar seria apenas o começo.

O aroma da ereção masculina elevou-se densamente no ar e, por incrível que parecesse, o seu próprio corpo respondeu ao chamamento. Mas aquela agressividade sensual estava bem controlada pela vontade do Rei: não a tomaria naquele momento. Não, parecia

que lhe manteria a virtude até lhe conceder a honra e o respeito de com ela acasalar adequadamente.

– A Virgem Escrivã respondeu às minhas preces de forma milagrosa – murmurou, pestanejando por entre as lágrimas que lhe escorriam. Todos os anos de preocupação e espera, a espada preparada ao longo de três décadas para lhe cair sobre a cabeça...

O Rei sorriu.

– Se soubesse que existia fêmea como tu, teria eu próprio suplicado à mãe da raça. Mas não tinha ilusões... e está muito bem assim. Não teria feito nada a não ser sentar-me e esperar que te cruzasses no meu destino, perdendo anos.

Com essas palavras, levantou-se e dirigiu-se a um expositor de vestuário. As cores do arco-íris estavam todas representadas e fora-lhe ensinado desde pequena o significado de cada tom na hierarquia da corte.

Ele escolheu-lhe o vermelho. O mais valioso de todos, o sinal de que ela seria favorecida entre todas as outras fêmeas.

A rainha.

E essa teria sido honra suficiente, não fosse a dor que lhe atingiu o peito ao imaginar a quantidade de fêmeas que ele tomaria.

Quando regressou para junto dela deve ter-lhe sentido a tristeza.

– O que te atormenta, *leelan*?

Anha abanou a cabeça e disse para consigo que não tinha o direito de ficar triste por ter de o partilhar. Ela...

O Rei abanou a cabeça.

– Não. Serás a única.

Anha estremeceu.

– Milorde, não é essa a tradição...

– Não sou eu o governante de todos? Não posso decretar a vida e a morte dos meus súbditos? – Quando ela assentiu, o rosto do Rei ostentou uma dureza tal que a fez ter pena de quem o tentasse contrariar. – Então determinarei o que é e o que não é tradição. E para mim, só existirás tu.

As lágrimas voltaram a escorrer dos olhos de Anha. Queria acreditar nele e, contudo, parecia impossível – mesmo quando ele a envolveu com seda da cor de sangue.

– Honrais-me – disse ela, olhando-lhe fixamente o rosto.

– Não o suficiente. – Virando-se rapidamente, deu passadas largas até uma mesa onde estavam dispostas gemas.

A grandeza das gemas fora a última coisa na sua mente quando ele lhe tirara o capuz, mas agora arregalava os olhos ante tal visão de riqueza. Certamente não merecia estas coisas. Não até lhe dar um herdeiro.

O que, de repente, não parecia de todo uma obrigação.

Quando ele regressou para junto dela, Anha inspirou profundamente. Rubis, tantos que não conseguia contá-los – de facto, um tabuleiro inteiro deles... incluindo o anel saturnino que, segundo lhe tinham dito, sempre agraciara a mão da rainha.

– Aceita estes objetos e conhece a minha verdade – declarou o Rei, voltando a ajoelhar-se aos pés dela.

Anha abanou a cabeça.

– Não, não, estes são para a cerimónia...

– Que vamos realizar aqui mesmo, neste momento. – Abriu a palma da mão. – Dá-me a tua mão.

Todos os ossos de Anha estremeciam enquanto lhe obedecia e soltou um suspiro quando a pedra saturnina lhe assentou no dedo médio direito. Ao olhar para a gema, a luz das velas refratava-se nas suas facetas, flamejando de beleza como o verdadeiro amor ilumina o coração a partir de dentro.

– Anha, aceitas-me como teu Rei e companheiro, até a porta do Vápido se abrir diante de ti?

– Sim – ouviu-se a dizer, com uma intensidade surpreendente.

– Então eu, Wrath, filho de Wrath, tomo-te como minha *shel-lan*, para te proteger e cuidar de ti e de todos os filhos que geremos, com a mesma convicção com que cuidaria e cuidarei do meu reino e da sua população. Serás minha para sempre, a tua linhagem cruzar-se-á com a minha, partilharás os ocasos e as alvoradas apenas

comigo. Este laço nunca será quebrado nem por forças internas, nem externas, e... – nesse momento fez uma pausa – ...só haverá uma e apenas uma fêmea em todos os meus dias, e tu serás essa única rainha.

Com essas palavras, ergueu a outra mão e entrelaçou os dedos nos dela.

– Ninguém nos afastará. Nunca.

Apesar de Anha ainda não o saber, nos anos seguintes, à medida que o destino se continuava a desenrolar, transformando aquele momento presente em história passada, ela regressaria vezes sem conta àquele instante. Mais tarde, chegaria à conclusão de que ambos tinham estado perdidos até àquela noite, e que a percepção um do outro lhes dera o terreno sólido de que tinham precisado.

Mais tarde, ao dormir ao lado do companheiro na cama de casal e ao ouvi-lo rressonar baixinho, saberia que aquilo que parecera um sonho fora, na realidade, um milagre vivo.

Mais tarde, na noite em que ela e o seu amado foram chacinados, quando os seus olhos se prenderam ao espaço esconso onde escondera o herdeiro, o futuro, a única coisa que era maior do que ambos... o seu último pensamento antes de morrer seria que tudo estava destinado a ser assim. Quer a tragédia, quer a fortuna, tudo fora predeterminado e começara ali, neste instante, enquanto os dedos do Rei se entrelaçavam nos seus e os dois se uniam um ao outro, para a eternidade.

– Quem cuidará de ti esta noite e ao longo do dia antes da cerimónia pública? – quis ele saber.

Não queria ter de o deixar.

– Devo regressar aos meus aposentos.

O Rei ficou com uma expressão desagradada. Mas libertou-a e demorou o seu tempo a adorná-la com os rubis até lhe estarem pendurados nas orelhas, no pescoço e em ambos os pulsos.

O Rei tocou na maior das pedras, a que pendia sobre o coração. Quando as pestanas dele se semicerraram, Anha pensou que ele se dirigira a algum sítio carnal na sua mente – talvez se estivesse a

imaginar com ela sem as roupas, nada, a não ser a pele a servir de moldura aos pesados aros de ouro com os seus adornos de diamante e aquelas incríveis gemas centrais vermelhas.

A última peça do conjunto era a coroa de rainha, que ele ergueu do tabuleiro aveludado e lhe depositou sobre a cabeça, sentando-se depois para a observar.

– De entre todas és a que mais brilha – declarou.

Anha olhou-se. Vermelho, vermelho por todo o lado, a cor do sangue, a cor da própria vida. Na verdade, não conseguia imaginar o valor das gemas, mas não era isso que a comovia. A honra que ele lhe prestava naquele momento era lendária – e, enquanto pensava nisso, desejou que pudesse ser um momento privado entre eles para sempre.

Mas não seria assim. E os cortesãos não gostariam daquilo, pensou.

– Vou levar-te aos teus aposentos.

– Oh, Milorde, não deveis preocupar-vos...

– Não há mais nada esta noite que me consuma, asseguro-te.

Anha não evitou um sorriso.

– Como desejais, Milorde.

Só que não tinha a certeza de conseguir levantar-se com todas aquelas...

Anha não conseguiu manter-se de pé. O Rei levantou-se e recolheu-a nos seus braços, evitando que caísse no chão, como se não pesasse mais do que uma pluma.

E, com isso, marchou pelo quarto, pontapeou a porta e saiu para o corredor. Estavam todos ali, a entrada cheia de aristocratas e membros da Irmandade da Adaga Negra – e instintivamente ela virou o rosto para o pescoço de Wrath.

Por ter sido criada para servir o Rei, sempre se sentira um objeto e, contudo, tudo isso desaparecera quando estivera a sós com o macho. Agora, exposta aos esgares invasivos dos outros, sentia-se uma vez mais nesse papel, relegada a posse, em vez de uma igual.

– Onde ides? – quis saber um dos aristocratas enquanto o Rei se afastava a passos largos sem lhe responder.

Wrath continuou a andar – mas aquele cortesão em particular não parecia, claramente, querer abdicar daquilo que não lhe dizia respeito.

O macho cortou-lhes o caminho.

– Milorde, é costume...

– Eu cuidarei dela nos meus próprios aposentos esta noite e todas as outras.

A surpresa instalou-se no rosto magro e aflito.

– Milorde, isso reserva-se à rainha e, mesmo que já tivésseis tomado a fêmea, não é oficial até...

– Estamos apropriadamente acasalados. Realizei eu próprio a cerimónia. Ela pertence-me e eu pertenço-lhe e, certamente, não queres estar no caminho de um macho acasalado com a sua fêmea... muito menos do Rei com a sua rainha. Garanto-te que não queres.

Ouviu-se um sonoro ruído de dentes a bater em dentes, como se o maxilar de alguém se tivesse aberto e depois fechasse com severidade.

Olhando por cima do ombro de Wrath, viu sorrisos nos rostos da Irmandade, como se os guerreiros aprovassem a agressividade. Os outros de manto? O que se via nas suas faces não era aprovação. Impotência. Súplica. Raiva discreta.

Sabiam quem detinha o poder e não eram eles.

– Deveis ser acompanhado, Milorde – afirmou um dos Irmãos.
– Não por tradição, mas tendo em atenção os tempos que correm. Mesmo nesta fortaleza, é apropriado a Primeira Família ser escoltada.

O Rei assentiu após um momento.

– Muito bem. Sigam-me, mas – a sua voz desceu para um tom gutural – não lhe tocam seja de que maneira for, ou então arranco-vos o apêndice.

Verdadeiro respeito e alguma forma de afeto aqueceram a voz do Irmão:

– Como desejais, Milorde. Irmandade, formar!

Num movimento único, as adagas soltaram-se das bainhas de peito, lâminas negras a refulgirem nas tochas que se alinhavam no átrio. Enquanto os dedos de Anha se cravavam nas preciosas vestes do Rei, os Irmãos soltaram um ruidoso grito de batalha, levantando as armas sobre as cabeças.

Com uma coordenação nutrida por longas horas na companhia uns dos outros, cada um dos grandes guerreiros ajoelhou-se num círculo e enterrou a ponta da adaga no chão.

Baixaram a cabeça e, em uníssono, declararam algo que ela não compreendeu.

E, contudo, o palavreado era para ela. Prestavam-lhe o juramento de lealdade como sua rainha. Seria o que deveria acontecer ao cair da noite do dia seguinte, à frente da *glymera*. Mas ela preferiu, de longe, que acontecesse ali e, quando os olhos deles se ergueram, emanaram respeito – dirigido a ela.

– A minha gratidão para vós – ouviu-se dizer. – E toda a minha honra para o nosso Rei.

Num piscar de olhos, ela e o companheiro estavam rodeados de guerreiros enormes, o voto oferecido agora aceite, começando uma vez mais o trabalho. Flanqueados por todos os lados, como ela presentira ter estado durante a apresentação, Wrath retomou a passada completamente protegido.

Além do ombro do companheiro, através da montanha de Irmãos, Anha observou a assembleia de cortesãos retroceder à sua passagem enquanto prosseguiam pelo corredor.

O conselheiro à frente de todos, o que tinha as mãos nas ancas e as sobrancelhas franzidas... não estava de todo contente.

Sentiu um arrepio de medo.

– *Sbb* – murmurou-lhe Wrath ao ouvido. – Não te preocupes. Serei gentil com a tua forma neste momento.

Anha corou e voltou a encostar a cabeça ao pescoço duro. Ele pretendia tomá-la ao chegarem ao destino que ele predeterminara, o seu corpo sagrado a penetrar o dela, selando visceralmente o acasalamento.

Ficou chocada ao perceber que também ela queria isso. Naquele momento. Rápido e com força...

E, no entanto, quando ficaram finalmente a sós mais uma vez, instalados numa fantástica cama de penas e veludo... ela ficou agradecida por ele ter sido paciente, generoso e gentil, como prometera que seria.

Foi a primeira de muitas, muitas vezes que o seu *hellren* não a deixou ficar mal.

Capítulo 1



BAIRRO MEATPACKING DE MANHATTAN, ATUALIDADE

— **D**á-me a tua boca – exigiu Wrath.
Beth inclinou a cabeça e aproximou-se dos braços do companheiro.

– Queres? Vem buscar!

O rugido que saiu daquele peito massivo era um lembrete de que o seu homem não era, de facto, um homem. Era o último vampiro puro-sangue que restava no planeta – e no que dizia respeito a ela e ao sexo, era perfeitamente capaz de se tornar demolidor para a alcançar.

E não ao estilo palerma de Miley Cyrus – conquanto Beth estivesse para aí virada, claro. Apesar de, sinceramente, quando é que uma mulher tinha oportunidade de estar com mais de dois metros de cabedal escuro à maneira, que por acaso também tinha olhos verdes-claros que brilhavam como a lua e cabelo negro até ao traseiro maravilhoso?

Além de não pertencer ao seu vocabulário, o *não* era um conceito estranho.

O beijo que veio ter com ela foi brutal e era assim que ela o queria, com a língua de Wrath a embater na dela, enquanto a

empurrava para trás através da porta aberta do seu esconderijo secreto.

Pum!

O melhor som do mundo. Bem, OK, o segundo melhor – sendo o primeiro o que o seu macho fazia ao vir-se dentro dela.

Só de pensar nisso, o seu íntimo abria-se ainda mais.

– Ah, que porra – exclamou ele na boca dela, enquanto uma das mãos lhe deslizava entre as coxas. – Quero isto... oh, sim... estás molhada para mim, *leelan*.

Não era uma pergunta. Porque ele sabia a resposta, claro que sabia.

– Consigo cheirar-te – gemeu-lhe ele contra o ouvido, à medida que as presas lhe percorriam o pescoço. – A melhor coisa do mundo... para além do teu sabor.

A rouquidão na voz dele, a tensão nas coxas, aquele membro rígido a pressioná-la – ela teve um orgasmo ali mesmo, naquele momento.

– Diabo, temos de fazer isto mais vezes – declarou, rangendo os dentes enquanto ela lhe apertava a mão, movimentando as ancas. – Por que raio não vimos aqui abaixo todas as noites?

Só de pensar na confusão que os esperava em Caldwell, parte do calor que sentia foi sugado. Mas então começou a massajá-la com os dedos, esfregando a costura dos *jeans* contra o ponto mais sensível dela, enquanto a língua lhe investigava a boca do mesmo modo que fazia quando estava... um, sim.

E, surpresa, surpresa – tudo o que tinha a ver com ele ser Rei, com a tentativa de assassinato e com o Bando de Bastardos pura e simplesmente desvaneceu-se.

Ele tinha razão. Porque não encontravam tempo para aquele pedacinho de céu com regularidade?

Rendendo-se ao sexo, as mãos entrelaçaram-se no cabelo comprido, a suavidade a contrastar com a dureza do rosto, a força incrível do corpo, aquele núcleo de ferro da sua vontade. Ela nunca fora uma daquelas tolinhas que sonhava com o Príncipe Encantado ou com

um casamento de conto de fadas ou qualquer um desses disparates dos musicais da Disney. Mas, mesmo para alguém que nunca tivera ilusões, nem qualquer intenção de alguma vez assinar um certificado de casamento, nunca na vida se imaginara com Wrath, filho de Wrath, Rei de uma raça que, tanto quanto ela sabia na altura, não passava de um mito de Halloween.

Contudo, ali estava ela, enrolada com um completo assassino, que tinha o vocabulário de um camionista, uma linhagem real tão grande como o braço, e atitude suficiente para fazer com que o Kanye West se sentisse como um rejeitado sem autoestima.

OK, não era assim *tão* egocêntrico – apesar de, pois, provavelmente seria capaz de eliminar a Taylor Swift num segundo, mas isso era porque a sua música de eleição era *rap* e *hip-hop* e não porque estivesse a ser intolerante.

Resumindo, o seu *hellren* era o tipo de homem como-ele-quer-ou-de-maneira-nenhuma e o trono onde se sentava significava que esse defeito de personalidade era aceite com um joelho no chão como lei da terra.

Era a tempestade perfeita. As boas notícias? Ela era a única exceção, a única pessoa que conseguia instigar-lhe algum bom senso quando ele perdia a cabeça. Assim acontecia com todos os Irmãos e respetivas companheiras. Os membros da Irmandade da Adaga Negra, o grupo de elite da raça de guerreiros corpulentos, não eram conhecidos pela sua natureza afável. Vendo bem, não se querem meninas na linha da frente de nenhuma guerra, especialmente quando os maus da fita eram da laia da Sociedade de Minguantes.

E os malditos Bastardos.

– Não vou conseguir chegar à cama – gemeu Wrath. – Tenho de te ter agora.

– Então é mesmo aqui no chão. – Sugou-lhe o lábio inferior.
– Sabes como fazer isso, não sabes?

Mais grunhidos e uma grande alteração na orientação do planeta quando a atirou para o chão e a esparramou no soalho de madeira polida. O estúdio que Wrath tinha anteriormente usado

como ninho de solteiro era o cenário perfeito para alguém como ele. Tinha o teto de uma catedral, a decoração de um armazém abandonado e a pintura preto-fosco de uma *Uzi*. Não tinha nada a ver com a mansão da Irmandade onde viviam e era mesmo por isso que ali estavam.

Apesar da beleza imensa da mansão, toda aquela talha dourada, candelabros de cristal e mobiliário de estilo podiam tornar-se um pouco sufocantes...

Riiiiiiiiip!

Com esse alegre som, Beth perdeu outra peça do seu guarda-roupa – e claro que Wrath ficou orgulhoso de si próprio. Exibindo as presas, longas como adagas e brancas como neve acabada de cair, continuou, transformando o corpete de seda com uma fileira de botões num *Swiffer*, arrancando-o dos seios nus, botões a voar por todo o lado.

– Ah, agora é que estamos a falar! – Wrath tirou os óculos e sorriu, expondo a estrutura dentária. – Nada a atrapalhar..

Aproximando-se mais dela, atracou-se ao mamilo enquanto as mãos se dirigiam ao cóis dos *jeans* pretos. Bem vistas as coisas, foi até bastante educado enquanto desapertava o botão e abria o fecho, mas ela sabia o que ali vinha...

Com um violento puxão deu cabo de um par de *Levis* novos. Ela não se importou. Nem ele.

Ó, meu Deus, como ela precisava daquilo.

– Tens razão, passou tempo de mais – sibilou Beth enquanto ele atacava o seu próprio fecho, fazendo saltar botões, libertando uma ereção que ainda conseguia deixá-la sem fôlego.

– Desculpa – saiu-lhe, enquanto a agarrava por trás do pescoço e a penetrava.

– Não peças desculpa – *Cristo!*

A possessão ardente era exatamente o que ela queria – bem como a cavalgada dura que ele lhe ofereceu, o peso a esmagá-la, o rabo nu a escorregar no chão soltando um som estridente sempre que ele a penetrava, as pernas a abrirem-se e a abraçarem-lhe o

corpo para que pudesse ir ainda mais fundo. Era o domínio total, o enorme corpo a bombear como uma bomba erótica cada vez mais rápida e com maior intensidade.

Mas, ainda que fosse muito bom assim, ela sabia como encaminhar as coisas para o nível seguinte.

– Continuas sem sede? – indagou ela, arrastando as palavras.

Paralisação. Molecular. Completa.

Como se tivesse sido atingido por um raio de gelo. Ou talvez por um caminhão.

Ao levantar a cabeça, os olhos incendiaram-se com tal brilho que ela sabia que, se olhasse para o lado, veria a sua própria sombra.

Cravando-lhe as unhas nos ombros, ela arqueou-se para junto dele e deixou a cabeça descair para o lado.

– E se te oferecesse uma bebida?

Os lábios de Wrath afastaram-se das presas e ele sibilou como uma cobra.

A dentada foi como uma facada, mas a dor desvaneceu-se num delírio doce que a transportou para outra dimensão. Esvoaçando, embora sentindo-se ao mesmo tempo enraizada, gemeu e enfiou-lhe os dedos nos cabelos, puxando-o ainda mais para junto de si enquanto ele lhe sugava o pescoço e lhe penetrava o sexo.

Beth teve um orgasmo – e ele também.

Óbvio.

Céus, depois de estar sedenta durante quanto tempo? Pelo menos um mês – o que era algo impensável para os dois – ela apercebeu-se do quanto estavam a precisar daquilo. Demasiada estática por causa de todas as exigências à sua volta. Demasiado stresse a poluir as horas. Demasiadas merdas tóxicas que não tinham tempo para processar um com o outro.

Depois de ele ter sido alvejado no pescoço, por exemplo, tinham chegado realmente a falar sobre isso? Claro, tinha havido o *Ó meu Deus, estás vivo, conseguiste...* mas ela ainda tremia cada vez que um *doggen* abria uma garrafa de vinho na sala de jantar ou quando os Irmãos ficavam a jogar bilhar durante horas.

Quem diria que uma tacada na bola a fazer tabela soava exatamente como uma arma a disparar?

Ela não fazia ideia. Não até Xcor ter decidido enfiar uma bala na jugular de Wrath.

Difícilmente se poderia considerar o tipo de erudição que ela procurava...

Sem razão aparente, as lágrimas inundaram-lhe os olhos, ficando-lhe coladas às pestanas e escorrendo pelas faces, mesmo quando uma nova rodada de prazer lhe invadia o corpo.

E então, a imagem do ferimento de Wrath encheu-lhe a visão.

Sangue vermelho no colete à prova de bala que estava a usar. Sangue vermelho na *T-shirt* de cavas. Sangue vermelho na pele.

Os tempos perigosos que viviam regressaram-lhe à mente, a horrível realidade que já não era apenas um bicho-papão no seu armário mental, mas sim um grito na alma.

Vermelho, para ela, era a cor da morte.

Wrath imobilizou-se uma segunda vez e levantou a cabeça.

– *Leelan?*

Abriu os olhos e sentiu um pânico súbito de não conseguir vê-lo, de que aquele rosto que ela procurava em todas as salas a qualquer hora já não existisse, de que a confirmação visual da sua vida não estivesse mais ali, não fosse mais algo garantido.

Mas tudo o que precisava era de pestanejar. Pestanejar, pestanejar, pestanejar... e ele estava novamente com ela, tão nítido como o dia.

E isso fê-la chorar ainda mais. Porque o seu forte e amado homem era cego – e apesar de, na sua opinião, isso não o tornar inválido, sem dúvida que o privava de coisas fundamentais, e não era justo.

– Oh, merda, magoei-te...

– Não, não... – Ela aninhou o rosto dele nas suas mãos. – Não pares.

– Devíamos ter ido para a cama...

A melhor maneira de o voltar a focar era arquear-se debaixo dele e assim fez, ondulando e girando as ancas para o seu interior

o acariciar. E a fricção surtiu efeito, deixando-o sem palavras e em pulgas.

– Não pares – reiterou, tentando encaminhá-lo de novo para a veia. – Nunca...

Mas Wrath conteve-se, afastando uma mecha de cabelo do rosto da fêmea.

– Não penses nisso.

– Não estou a pensar.

– Estás sim.

Não havia necessidade de definir «isso»: maquinações traiçoeiras. Wrath na sua secretária entalhada, abafado pela sua posição. O futuro incerto e não de uma forma positiva.

– Não vou a lado nenhum, *leelan*. Não te preocupes com nada. Compreendes?

Beth queria acreditar nele. Precisava de o fazer. Não obstante, temia que fosse uma promessa bastante mais difícil de cumprir do que de dizer.

– Beth.

– Faz amor comigo. – Era a única verdade que ela conseguia expressar que não rebentaria a bolha. – Por favor.

Ele beijou-a uma vez. Duas vezes. E depois voltou a mover-se.

– Sempre, *leelan*. Sempre.

A melhor. Noite. De sempre.

Quando Wrath saiu de cima da sua *shellan*, uma hora depois, não conseguia respirar, estava a sangrar da garganta e o pénis do seu Homem de Aço transformara-se finalmente num espartuete.

Mas tendo em conta a energia do maldito? Tinha cinco, talvez dez minutos antes de o Sr. Feliz começar de novo a sorrir.

A enorme cama no centro do amplo espaço do estúdio fora melhorada desde que Beth acasalara com ele e, ao estender-se de costas, teve de admitir que fazer sexo ali era muito melhor do que fazê-lo no chão. Dito isto, enquanto ela recuperava, os lençóis eram

desnecessários, pois seria possível estrelar um ovo no peito graças a todo aquele esforço. Cobertores então, nem pensar. As almofadas tinham-se rapidamente perdido porque não havia cabeceira, mas a vantagem era o equilíbrio em qualquer posição que escolhessem.

Às vezes ele gostava de pôr um pé no chão e penetrar bem fundo.

Beth soltou um suspiro mais prolongado e satisfatório do que qualquer soneto shakespeariano – já que se falava em coisas muito fixes... O peito de Wrath enfunou-se como um balão de ar quente.

– Portei-me bem contigo? – perguntou, arrastando as palavras.

– Céus. Sim.

Mais sorrisos. Era *A Máscara* novamente, nada para além do Jim Carrey e branco *Pepsodent*. E ela tinha razão: o sexo tinha sido para lá de fantástico. Montara-a no soalho até estarem ao alcance do colchão. Depois, como bom cavalheiro que era, levava-a para a cama... e tinha-a possuído mais três vezes. Quatro?

Podia ficar naquilo a noite toda...

Isso era tão certo como um eclipse podia eliminar a Lua, a sua tranquilidade cósmica a desaparecer e a levar com ela todo o calor.

Já não havia *toda a noite* para ele. Não no que tocava a estar com a sua fêmea.

– Wrath?

– Estou aqui, *leelan* – murmurou.

Quando se virou para um dos lados, sentiu-a a fitá-lo e, apesar de os seus olhos terem finalmente desistido dos fantasmas e se terem fechado inteiramente, ele conseguia imaginar os longos e densos cabelos negros, os olhos azuis e o belo rosto.

– Não estás.

– Estou bem.

Merda, que horas eram? Teria passado mais tempo do que a hora que ele sentira? Provavelmente. Com Beth, era capaz de perder dias a fio.

– Passa da uma – disse ela suavemente.

– Foda-se.

– Ajudaria falar? Wrath... podes dizer-me o que te vai nessa cabeça?

Ah, que diabo, ela tinha razão. Ultimamente ele afastava-se muito, retraía-se para um lugar na sua mente onde o caos não o conseguia atingir – não era uma coisa má, mas era uma viagem solitária.

– Só não estou preparado para voltar ao trabalho.

– Não te censuro. – Procurou-lhe a boca e afagou-lhe os lábios com os seus. – Podemos ficar mais um bocadinho?

– Claro. – Mas não o suficiente...

Um alarme súbito soou-lhe no pulso.

– Que chatice. – Colocando o antebraço sobre o rosto, abanou a cabeça. – O tempo voa, não é?

E as responsabilidades aguardavam-no. Tinha petições para rever. Proclamações para esboçar. E correio eletrónico na caixa de entrada, esses malditos *emails* que a *glymera* cagava diariamente... apesar de, ultimamente, estarem a diminuir – provavelmente um sinal de que aqueles maricas andavam a falar entre si. Não eram boas notícias.

Wrath praguejou novamente.

– Não sei como é que o meu pai fazia isto. Noite após noite. Ano após ano.

E para acabar brutalmente assassinado jovem de mais.

Quando o Wrath pai estivera no trono, as coisas estavam, pelo menos, estáveis: os súbditos amavam-no e ele também os amava. Não havia conspirações a serem planeadas em quartos escuros. O inimigo estava fora, não dentro.

– Tenho muita pena – afirmou Beth. – Tens a certeza de que não há nada que possas adiar?

Wrath sentou-se, puxando para trás os longos cabelos. Enquanto olhava perdidamente para o nada, só queria estar a lutar.

Não era uma opção. De facto, a única coisa que lhe restava agora era voltar a Caldie e prender-se novamente àquela secretária. O seu destino tinha sido traçado há muitos, muitos anos, quando

a mãe entrara no período de necessidade e o pai cumprira a função de um *hellren...* e, contra todas as probabilidades, o herdeiro fora concebido, nascera e crescera o suficiente para ver ambos serem mortos por *minguantes* mesmo à frente dos seus ainda funcionais olhos pré-transição.

Nítidas como cristal, assim eram as memórias que tinha.

Só depois da transição é que o defeito ocular se manifestara. Mas essa fraqueza era, como o trono, parte da sua herança. A Virgem Escrivã já tinha um plano de procriação prescrito, algo que ampliava os atributos mais desejáveis nos machos e nas fêmeas e criava um sistema social hierarquizado ao estilo das castas. Era um bom plano, até certo ponto. Tal como costumava acontecer com merdas como a Mãe Natureza, a lei das consequências indesejadas tinha decidido fazer das suas – e era assim que aquele Rei, com a sua linhagem «perfeita», acabara cego.

Frustrado, saltou da cama – e, naturalmente, aterrou numa das tais almofadas e não no chão. O pé escorregou e ele perdeu completamente o equilíbrio, esbracejou à procura de alguma coisa a que se agarrar, mas estava perdido no espaço...

Wrath atingiu o chão, com a dor a explodir-lhe do lado esquerdo, mas isso não era o pior. Conseguia ouvir Beth a tentar desembaraçar-se dos lençóis para chegar até ele.

– Não – rosou, afastando-se do alcance dela. – *Eu consigo.*

Enquanto a voz ecoava no espaço aberto, desejou enfiar a cabeça numa janela envidraçada.

– Desculpa – murmurou entredentes, atirando o cabelo para trás.

– Não faz mal.

– Não queria descarregar em ti.

– Tens andado sob imensa pressão. Acontece.

Cristo, mas estavam a falar de ele ficar mansinho no sexo?

Meu deus, quando assumira as suas funções de Rei, tomara uma porcaria de uma resolução interna e assumira o compromisso de se dedicar àquela coroa, de ser um gajo preparado, seguir na esteira do papá, *blá, blá, blá*. No entanto, a infeliz realidade era que aquela

maratona iria durar a vida inteira – e ele estava arrasado dois anos depois. Três. Ou lá quanto tempo era.

Mas em que raio de ano é que estavam, afinal?

Deus sabia que ele sempre tivera um rastilho curto, mas ficar fechado no breu da sua cegueira sem nada mais além de exigências que não o entusiasmavam estava a torná-lo vulcânico.

Não, espera, isso era um humor bastante mais temperado do que o que apresentava habitualmente – e o problema principal era a sua personalidade. Lutar era a sua primeira e melhor vocação, não reinar numa cadeira.

O pai tinha sido um macho da caneta; o filho era da espada.

– Wrath?

– Desculpa, o que foi?

– Perguntei-te se querias comer alguma coisa antes de sair.

Imaginou-se a regressar à mansão, com *doggens* em todos os recantos, Irmãos a entrar e a sair, *shellans* por todo o lado... sentiu-se como se não fosse capaz de respirar. Amava-os a todos, mas que diabo, não tinha qualquer privacidade.

– Obrigado, mas trinco qualquer coisa no escritório.

Instalou-se um prolongado silêncio.

– Está bem.

Wrath continuou no chão enquanto ela se vestiu, o roçar suave dos *jeans* a deslizarem por aquelas pernas longas e deliciosas a soarem como um canto fúnebre.

– Posso vestir a tua *T-shirt*? – perguntou. – A minha blusa já era.

– Sim, claro que sim.

A tristeza dela cheirava a chuva de outono e era tão fria como o ar.

Meu, pensar que havia por aí pessoas que queriam ser Rei, pensou enquanto se levantava.

Parvoíce. Loucura.

Se não fosse o legado do pai e todos aqueles vampiros que amavam o seu governante verdadeira e profundamente, já teria abdicado de tudo aquilo sem olhar para trás. Mas desistir? Não podia fazê-lo.

O pai fora um Rei digno dos livros de História, um macho que não só exercera autoridade graças ao trono onde se sentava, como também inspirara uma sincera devoção.

Wrath perder a coroa? Mais valia mijar na campa do pai.

Quando sentiu a palma da mão da *sbellan* na sua, deu um salto.

– Aqui estão as tuas roupas – disse ela, colocando-lhas na mão.

– E tenho os teus óculos.

Num movimento súbito, Wrath puxou-a para si, abraçando-a contra o corpo desnudado. Ela era uma fêmea alta, mas mesmo assim mal conseguia chegar-lhe ao peito e, quando ele fechou os olhos, enrolou-se em volta dela.

– Quero que saibas uma coisa – disse-lhe entre os cabelos.

Quando ela estacou, Wrath esforçou-se por expressar qualquer coisa que valesse a pena ouvir. Uma corrente de palavras que pelo menos tivesse o mesmo código postal que aquilo que se passava no seu peito.

– O quê? – sussurrou ela.

– És tudo para mim.

Era tão incrível e completamente insuficiente – e, contudo, ela suspirou e derreteu-se nele como se fosse tudo o que queria ouvir. E ainda mais um par de botas.

Às vezes tinha-se sorte.

E, enquanto continuava a abraçá-la, sabia que fazia bem em lembrar-se disso. Conquanto tivesse aquela fêmea a seu lado?

Aguentaria tudo.

Capítulo 2



CALDWELL, NOVA IORQUE

— **V**iva o Rei!
Quando Abalone, filho de Abalone, disse estas palavras, tentou avaliar a resposta dos três machos que lhe tinham batido à porta, marchado pela casa dentro e que estavam agora na biblioteca, olhando fixamente para ele, como se o estivessem a medir para a mortalha.

Na verdade, não. Apenas conseguia ler uma expressão — a do guerreiro desfigurado que estava mais distante, atrás dos outros, encostado ao papel de parede acetinado, com as botas de combate solidamente em cima do tapete persa.

Os olhos do macho estavam ocultos por uma pala de sobran-celhas espessas, as íris tão escuras que era impossível dizer qual a sua cor, se azuis, castanhas ou verdes. O corpo era enorme e, mesmo em repouso, era fácil de perceber que apresentava uma ameaça, uma granada com uma cavilha escorregadia. E a sua reação ao que tinha sido dito?

Nenhuma alteração das feições, o lábio leporino apenas um traço, a expressão fechada exatamente na mesma. Nenhuma manifestação de emoções.

Mas a mão da adaga abriu-se completamente e depois enrolou-se num punho cerrado.

Obviamente, o aristocrata Ichan e o advogado Thym, que tinham levado aquele guerreiro, tinham mentido. Aquela não era uma «conversa sobre o futuro» – não, isso implicaria que Abalone teria voto na matéria.

Era um tiro de aviso que lhe percorreu cada curva da corrente sanguínea, um toque de alvorada para o qual só havia uma resposta.

E, ainda assim, as palavras tinham-lhe saído pela boca daquela maneira e ele não as podia mudar.

– Tens a certeza de que essa é a tua resposta? – perguntou Ichan, com uma sobrelha arqueada.

Ichan era o exemplo típico da sua educação e valor financeiro líquido, refinado ao ponto de ficar efeminado, contrariamente ao seu género, envergando um fato e gravata onde tudo condizia, cada fio de cabelo no sítio exato. Atrás dele, Tyhm, o solicitador, era igual, só que ainda mais magro, como se a sua considerável capacidade mental sugasse as calorias que consumia.

E ambos, bem como o guerreiro, estavam à espera que ele alterasse a resposta que dera.

Os olhos de Abalone fugiram para um pergaminho antigo que estava emoldurado e pendurado na parede junto às portas duplas. Àquela distância não conseguia ler os pequenos caracteres em Língua Antiga, mas não precisava de se aproximar para ver melhor. Conhecia cada palavra de cor.

– Não me tinha apercebido de que me fora colocada uma questão – declarou Abalone.

Ichan esboçou um sorriso falso e passeou-se pela sala, tamborilando os dedos numa taça de prata com maçãs, na coleção Cartier de relógios de secretária expostos numa mesa de apoio, no busto de bronze de Napoleão que estava em cima da mesa na alcova envidraçada.

– Estamos, obviamente, interessados em saber qual é a tua posição. – O aristocrata parou à frente de um esboço a tinta-da-china apoiado num cavalete. – Esta é a tua filha, se não estou em erro?

Abalone sentiu um aperto no peito.

– Está prestes a ser apresentada à sociedade, não está? – Ichan espreitou por cima do ombro. – Não?

Abalone queria atirar com o macho para longe da imagem.

De todas as coisas que podiam ser consideradas «suas», aquela preciosa jovem, a única filha que ele e a sua *shellan* tinham tido, era a lua no seu céu noturno, a alegria que pontuava as horas no lar, a sua bússola para o futuro.

E queria tantas coisas para ela – mas não em termos de *glymera*. Não, desejava que ela encontrasse o que ele e a sua *mahmen* haviam encontrado – pelo menos até à sua fêmea ser chamada para o Vápido.

Desejava que a filha se apaixonasse completamente por um macho honrado que tomasse conta dela.

Se não lhe fosse permitido apresentá-la à sociedade? Isso podia nunca acontecer.

– Peço desculpa. – Ichan arrastou as palavras. – Respondeste e eu não ouvi?

– Está pronta para ser oferecida em breve, sim.

– Sim. – O aristocrata sorriu uma vez mais. – Sei que te preocupas, como é apropriado, relativamente às possibilidades para ela. Sendo eu próprio pai, sei como te sentes... com filhas, precisas de te certificar de que acasalam convenientemente.

Abalone nem se apercebera de que continuava a respirar até o macho retomar o seu passeio preguiçoso em volta da sala.

– Não te dá um certo grau de segurança saber que existem demarcações tão claras no seio da nossa sociedade? A procriação corretiva resultou num grupo superior de indivíduos e é-nos exigido, pelo costume e pelo bom senso, que preservemos as nossas associações com elementos equivalentes da raça. Imaginas a tua filha casada com um plebeu?

A última palavra demorou-se, transportando a pronúncia de um expletivo e a ameaça de uma arma engatilhada.

– Não, não imaginas – respondeu o próprio Ichan.

Na verdade, Abalone não tinha assim tanta certeza. Se o macho a amasse o suficiente? Mas não era nada disso que estava ali em causa, pois não?

Ichan fez um interregno para dar uma olhadela às pinturas a óleo penduradas à frente das prateleiras que albergavam a vasta coleção de primeiras edições da família. As telas eram, naturalmente, de ancestrais, estando a mais proeminente pendurada sobre a grande prateleira de mármore da lareira.

Um famoso macho na história da raça e pertencente à linhagem de Abalone. O Nobre Redentor, como era conhecido no seio da família.

O pai de Abalone.

Ichan fez um gesto com a mão que abarcou não só a sala, mas toda a casa, todo o seu recheio e todos quantos se encontravam debaixo do seu teto.

– Tudo isto é digno de ser conservado e a única forma de o garantir é se a Tradição Antiga for respeitada. Os princípios que nós, a *glymera*, procuramos honrar são a base daquilo que esperas poder dar à tua filha... sem eles, quem sabe o que poderá acontecer-lhe.

Abalone cerrou brevemente os olhos.

E não é que isso fez com que o aristocrata se expressasse numa voz mais bondosa e gentil?

– Esse Rei de quem falaste ainda agora com tanta reverência... acasalou com uma mestiça.

As pestanas de Abalone abriram-se. Como acontecera com todos os membros do Conselho, ele fora informado da união real e era tudo o que sabia acerca do assunto.

– Pensava que ele tinha acasalado com Marissa, filha de Wal-len.

– Na realidade, não. A cerimónia teve lugar apenas um ano antes dos ataques e a assunção foi que o Rei fora avante com a promessa feita à irmã de Haver. Mas as suspeitas levantaram-se quando Marissa acabou por se unir a um Irmão. Mais tarde, viemos a saber através do Thym – fez um movimento com a cabeça a

indicar o advogado – que Wrath escolhera outra fêmea... que *não* é da nossa raça.

Houve um interlúdio, como se estivesse a ser dada a Abalone a oportunidade de apreender a revelação. Como não se mostrou abalado com o choque, Ichan inclinou-se para ele e falou lentamente – como se estivesse a dirigir-se a um deficiente mental.

– Se tiverem filhos, o herdeiro ao trono seria um quarto humano.

– Ninguém tem verdadeiramente sangue puro – murmurou Abalone.

– O que ainda dá mais pena. Certamente concordarás, no entanto, que existe uma tremenda diferença entre relações humanas distantes... e um Rei que seja substancialmente dessa raça horrenda. Mas mesmo que isto não te ofenda, e certamente esse não é o caso, as Leis Antigas ditam as regras. O Rei tem de ser um macho puro-sangue... e Wrath, filho de Wrath, não nos pode fornecer isso num herdeiro seu.

– Partindo do pressuposto de que isso é verdade...

– É.

– O que querem de mim?

– Estou apenas a deixar-te ao corrente da situação. Não sou mais do que um cidadão preocupado.

Então porque é que trouxeste uma escolta ameaçadora?

– Bem, agradeço muito manteres-me informado...

– O Conselho vai ter de agir.

– De que modo?

– Haverá uma votação. Em breve.

– Para deserdar quaisquer herdeiros?

– Para afastar o Rei. A sua autoridade é tão grande que ele pode mudar as leis a qualquer altura, erradicando esta provisão e enfraquecendo ainda mais a raça. Tem de ser segundo a lei e o mais depressa possível. – O aristocrata olhou de soslaio para o desenho da filha de Abalone. – Acredito que na sessão especial do Conselho a tua linhagem será bem representada pelo teu brasão e pelas tuas cores.

Abalone mirou o guerreiro encostado à sua parede. O macho mal parecia respirar, mas estava longe de estar adormecido.

Quanto tempo até cair a ruína sobre aquela casa se ele não se compromettesse com o voto favorável? E que forma assumiria?

Imaginou a filha a carpir a sua morte e ficar desamparada o resto da vida. Imaginou-se a ser torturado e morto de alguma forma horrorosa.

Querida Virgem Escrivã, os olhos pequenos do guerreiro estavam centrados nele como num alvo.

– Viva o Rei adequado – declarou Ichan – é o mais apropriado.

Lançado o mote, o elegante «cidadão preocupado» despediu-se, saindo da sala com o advogado de peito inchado.

O coração de Abalone disparou ao ficar sozinho com o guerreiro... e, após um momento de silêncio gritante, o macho desencostou-se e dirigiu-se à taça de prata com maçãs.

Num tom de voz baixo, com um forte sotaque, perguntou:

– Estas são para tirar, não são?

Abalone abriu a boca, mas a única coisa que saiu foi um guincho.

– Isso é um sim? – ouviu-se num murmúrio.

– De facto. Sim.

O guerreiro levou a mão à armadura de peito e retirou uma adaga, a lâmina de prata que parecia tão comprida como o braço de um macho adulto. Com um célere movimento do punho, fez a arma girar no ar, a luz a brilhar na superfície afiada – e, com igual destreza, agarrou o punho da arma e esfaqueou uma das maçãs.

Tudo isso sem quebrar o contacto visual com Abalone.

Removendo a maçã da taça, os olhos duros deslizaram para o desenho.

– Ela é bem bonita. Por enquanto.

Abalone escudou a visão da imagem com o corpo, preparado para se sacrificar caso fosse necessário. Nem sequer queria que o guerreiro olhasse para a pintura, quanto mais fazer comentários sobre ela – ou muito pior.

– Até mais ver, então – despediu-se o guerreiro.